

Metáforas da coesão: a tatuagem no movimento de sutura e cicatriz

Aline Fernandes de Azevedo (azevedo.aline@gmail.com)

(<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4717610E3>)

“O que há de mais profundo é a pele”
Paul Valéry, *L' Idée fixe*

O objetivo principal deste artigo é apresentar algumas análises que possibilitem compreender o processo de produção de sentidos presente na prática da tatuagem. Consideramos, a partir de Lacan (1998) e Pêcheux (2009), que o sujeito recorre à escrita como forma de combater a angústia da falta própria à castração simbólica, já que é por meio da linguagem que o ser falante pode assumir uma unidade corporal, mesmo que imaginária. A função discursiva da autoria, pensada em relação à escrita na pele, instaura um contorno imaginário para o corpo daquele que imprime em si uma marca, devolve ao sujeito sua ilusão de unidade pela inscrição do autor, proporcionando-lhe certa estabilização, já que escrever é uma forma de domesticar o desejo, de criar para si um mundo semanticamente normal (PÊCHEUX, 2007).

As inscrições na pele são, nessa nossa leitura, uma maneira de metaforizar a falta, cindindo na carne a marca da alteridade e sinalizando a forma como se dá laço social na sociedade contemporânea. São como cicatrizes, gestos de autoria que se desenham no corpo, sinais capazes de produzir identificação e individuação (ORLANDI, 2012): os processos de significação para o sujeito que se tatua fazem da própria pele um lugar de escrita que, pelo gesto de inscrever sentidos, dá a ver a ambiguidade e a contradição. Pretendemos, a partir da análise de discurso (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2001), lançar algumas questões acerca da possibilidade de interpretar a escrita na pele como vestígio daquilo que, em nossa formação

social, persiste e afronta, contribuindo para que a noção de resistência (ORLANDI, 2012) seja significada diferentemente.

Para tanto, apresentamos dois recortes específicos, colocando-os em análise através das noções de ideologia, interdiscurso e memória discursiva (PÊCHEUX, 2009). Trata-se, pois, de fotografias selecionadas na rede social Facebook, imagens em circulação na Web e que mostram um modo de dizer o corpo caracterizado pela presença de inscrições corporais. Nas análises, é a categoria da contradição que se evidencia, indicando como o corpo, objeto paradoxal, cindido pela Ideologia e pelo Inconsciente, traz a marca da ambiguidade do sujeito.

1. A TATUAGEM COMO MARCA DA AMBIGUIDADE E DA CONTRADIÇÃO



Fig. 1 - Fotografia selecionada no Facebook

Fonte: http://www.facebook.com/muriloganesh/photos_stream?ref=ts

Neste primeiro recorte, a fotografia mostra um jovem sentado de costas para as lentes da câmera que o retrata em um momento de repouso e placidez. É possível ver tatuagens e inscrições em praticamente toda a superfície desnuda do corpo, formando um desenho que cobre as costas e parte do braço visível na imagem. O corpo, nas formas ali delineadas, é marcado pela

composição de um painel. É fácil observar que praticamente não há brechas, lugares vazios ou não marcados pelos desenhos, que produzem um efeito de saturação de sentidos. Bastante comuns entre os adeptos das tatuagens, as inscrições em grandes extensões do corpo indicam a tentativa de dar unidade ao sujeito: seu desejo de coesão impossível.

Se considerarmos a memória como um espaço móvel de divisões, disjunções, deslocamentos e retomadas (PÊCHEUX, 2007), as inscrições no corpo do rapaz dá a ver a tensão constitutiva do processo parafrástico e polissêmico: o jogo de sentidos que o gesto de tatuar inscreve mostra que é preciso considerar a polissemia como “diferentes movimentos de sentido no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2013). Ou seja, se por um lado há a inscrição em uma formação discursiva na qual predominam o narcisismo e individualismo, por outro há a possibilidade de furo no ritual ideológico, pela produção de sentidos outros. A memória, compreendida como espaço de desdobramentos, permite ver a tatuagem como a reelaboração de ritos corporais oriundos de culturas antigas, que nas condições históricas atuais são metaforizados, pelo funcionamento do interdiscurso, possibilitando a produção de outros lugares possíveis de significação do próprio corpo.

Há deslizamentos que o gesto primitivo admite, num processo de transferência de sentidos para uma formação discursiva outra, ecoando vestígios dessa forma de significar. Ou para dizer de outro modo, a tatuagem pode ser interpretada como possibilidade do sujeito inscrever-se em uma formação discursiva outra, através da inscrição que protege o corpo, fabricando um corpo fechado, da marca que satura a pele de sentidos e produz um corpo místico. Nessa interpretação, a marcação na carne significa defesa, amuleto, talismã contra males do corpo e do espírito, como afirmam Baldini e Leonel de Souza (2012, p. 85). Nela, a inscrição é capaz de “fechar o corpo com sentidos ocultos aos outros”, transformá-lo em um amuleto da sorte.

No ritual ocidental de inscrever a letra na pele, há a fabricação de um corpo místico, pelo gesto primitivo, que indica a relação imaginária do sujeito consigo mesmo e com o mundo. É uma forma de dar poder ao corpo (ORLANDI, 2004), pelo gesto de autoria da Letra na pele: não apenas uma forma de explorar

o próprio corpo, mas um sintoma da necessidade de enganar a disjunção e encontrar um centro, forjando, pois, um efeito imaginário de controle sobre seu corpo. São formas de sutura que, pelo funcionamento do interdiscurso no movimento de sentidos, produzem cicatrizes, lugares de deslizamento, de desorganização: é na fuga dos sentidos, na exterioridade mesma do corpo como objeto simbólico, que a tatuagem marca a contradição e a ambiguidade.

É o que apontam Baldini e Leonel de Souza (2012, p.81). Para eles, as marcações corporais indicam, pelo funcionamento do interdiscurso, a alteridade que se produz na própria pele: “vozes discursivas outras ecoando nos sentidos de um certo corpo, a partir de dentro de sua própria pele, penetrando-a”. Essa produção de heterogeneidade no corpo do sujeito é, segundo os autores, uma resposta à necessidade de discursivizar o real, mas que ao invés de tapar o furo, acaba por expô-lo. “O resultado é que o sujeito entra no mundo simbólico por esse confronto – ao tentar fechar todos os buracos de sua edificação, entra em contato com sua singularidade” (BALDINI e SOUZA, 2012, p.81). No movimento de tensão permanente de sentidos, a incompletude produz sutura e, ao mesmo tempo, cicatriz.

2. A QUANTIDADE ESTRUTURANTE: CORPO-LETRA

Para além de questões individuais(listas) que versam sobre os motivos para se fazer uma tatuagem, as marcações corporais são sintoma de que “o ser humano não para de explorar-se simbolicamente” (ORLANDI, 2004, p.120), de um processo no qual o sujeito se singulariza ao produzir, ao mesmo tempo, dor e prazer. Nesses termos, a inscrição atesta a constituição do sujeito enquanto ser simbólico. É o traço sagrado indicando que a “entrada no simbólico é fatal” (ORLANDI, 2004, p.121). Consideramos, junto à Orlandi, que não há distância entre corpo e letra. É um corpo-letra. Letreiro, *outdoor*.

Mas não é só a observação do confronto do sujeito com o real que o gesto de análise nos possibilita. Retomando a fotografia analisada, um olhar mais atento permite vislumbrar as formas da tatuagem, cujos desenhos acompanham a estrutura óssea do corpo, simulando algo que deveria estar oculto sob a superfície da pele, sua constituição interna repleta de vértebras, costelas, ossos e

cartilagens. A tatuagem, nas formas ali delineadas, apresenta-se como um simulacro da coluna vertebral, estrutura responsável por dar estabilidade ao corpo humano, possibilitando-o ficar em pé e deslocar-se no espaço. O deslizamento metafórico dá a ver que as inscrições corporais, assim significadas, possibilitam o equilíbrio e a mobilidade do corpo do sujeito, permitindo-o resignificar seus sentidos e permanecer em pé frente ao excesso de signos que o rodeia.

Nesses termos, é fundamental lembrar que esse excesso de signos é observado também na forma como a cidade e o urbano se estruturam pela quantidade e pela concentração, como aponta Eni Orlandi (2001, p.207), que pensa a tatuagem como tentativa de dar conta desse excesso, metaforizando-o: “transbordamento de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passou à necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo”. Nessas condições de significação, a publicidade também funciona pela quantidade de signos que transbordam do *outdoor* para a rua, daí para o corpo do sujeito. “Do lado de fora, o excesso transborda, tudo é texto, é escrita, e o sujeito se subjetiva escrevendo também para todo lado. Daí a voltar-se para si mesmo é um passo que é dado: o corpo se textualiza” (ORLANDI, 2006, p.27).

Na imagem analisada, as tatuagens estabelecem um jogo entre dentro e fora, interioridade e exterioridade, no qual os dois lados se misturam, se integram: a tatuagem deixa ver o que a pele oculta, algo que seria inacessível ao sujeito e que, pelo gesto de inscrição, mostra-se. É um processo de subjetivação que fica marcado na carne, por ranhuras de sentido. E é também um corpo que deseja ser transparente, deixar-se ver por inteiro, corpo que pulsa pelo olhar do outro, desejante por sua contemplação.

Ainda, outra marca chama a atenção na fotografia que compõe nosso recorte: um *branding*, o emblema Calvin Klein estampado na vestimenta do rapaz, numa peça íntima que estaria, acidentalmente ou não, mostrando-se tal qual a intimidade do sujeito, deixando entrever sua forma de subjetivação. Essa marca convoca sentidos complacentes com as discursividades que sustentam a sociedade de consumo, e se diferencia frente às tatuagens uma vez que deixa entrever o investimento da ideologia dominante no corpo do sujeito.

Baldini e Leonel de Souza (2012) dizem que as vestimentas participam de um processo profundo e amplo de constituição de subjetividades, pois indicam um corpo inscrito em determinada formação discursiva. Nas palavras dos autores: “Um corpo vestido é um corpo inscrito numa ordem qualquer, ideológica por definição, fundando-se numa cadeia de significantes cujos elos remetem-se um ao outro, indefinidamente, reforçando os nós do tecido ideológico” (BALDINI e LEONEL DE SOUZA, 2012, p. 75). Para Kaës (2005), a vestimenta é a pele do grupo, envelope sem o qual não há identificação possível.

Uma peça de vestimenta que significa intimidade, encobre o sexo e indica um corpo assujeitado, normatizado, recalcado. Esse emblema, assim textualizado, sugere a inscrição do sujeito e de seu corpo em determinada formação discursiva: as condições de produção desse discurso são marcadas pela mundialização, cujo mote é a financeirização das economias e a produção do consenso. Nas palavras de Orlandi (2012, p.24): “O discurso da mundialização é um discurso (neo) liberal. E este é o discurso dominante atual”. É uma marca do investimento econômico no corpo do sujeito.

3. SOB O EFEITO DE CAPTURA DO OLHAR: CORPO E DESEJO

A próxima imagem compõe o último recorte analisado neste artigo. Nela é possível vislumbrar dois corpos que se entrelaçam num gesto de carinho e intimidade entre mãe e filho. No corpo da mãe, tatuagens diversas e esparsas adornam os contornos da pele. As pernas são marcadas por duas inscrições que se destacam: o desenho de uma boca com a língua para fora, símbolo da conhecida banda de rock *Rolling Stones*; e um rosto, a face de alguém que não se deseja esquecer, uma memória pessoal que se inscreve na carne, deixando a lembrança registrada na pele como a “memória de um acontecimento forte, da superação pessoal de uma passagem na existência da qual o indivíduo pretende conservar uma lembrança” (LE BRETON, 2008, p.39). Diferente das sociedades primitivas nas quais a tatuagem era usada para marcar a passagem para a vida adulta, assinalando, pelo ritual corporal, a entrada daquele sujeito na vida social da tribo, nas sociedades contemporâneas, essas inscrições assinalam o percurso de cada um, sua história de vida.



Fig. 2 – Fotografia selecionada no site Facebook, na página do Boom Festival

Fonte: <http://www.facebook.com/Boom.festival.org?ref=ts&fref=ts>

Nesses termos, as inscrições dispersas pelo corpo da mãe permitem pensá-lo como mapa cartográfico do sujeito: são como pistas de como ele constitui sua identidade num processo sempre inacabado. Observamos o discurso transversal no funcionamento da metonímia, enquanto relação da parte com o todo: a tatuagem funciona, assim, como metonímia do corpo sem rosto da mãe, representando para esse corpo os sentidos dispersos e difusos que as inscrições produzem. Elas são os sintomas que designam esse corpo, cujos sentidos são dados em função dessas inscrições. Ou para dizer de outro modo, as tatuagens são, na forma como são formuladas neste corpodiscurso (SOUZA, 2010), ranhuras de sentido que marcam o corpo de um sujeito que, na tentativa de suturar a falta, contornar a perda, produz cicatrizes, um excesso que fica marcado em seu corpo: a exposição da diferença, marca da alteridade. Trata-se de um sujeito que convoca para si certos sentidos produzidos no funcionamento metonímico das tatuagens, no qual podemos depreender os elementos de saber da formação discursiva na qual esse corpo se inscreve.

O efeito de sustentação está, pois, relacionado ao discurso transversal, segundo Pêcheux (2009, p. 153), uma vez que ele promove a articulação e a incidência do efeito explicativo que o discurso transversal produz, e que garante o funcionamento do discurso em relação a si mesmo, no intradiscurso. Ainda, a partir de Pêcheux podemos considerar que em grande medida essa articulação funciona tendo em vista um processo inconsciente, no qual o desejo do sujeito é colocado em jogo, produzindo um sujeito de desejo. Trata-se, pois, de uma função erótica própria às inscrições corporais, que é visível na relação metafórica entre os orifícios e a constituição do desejo do sujeito: dentre eles, talvez seja a boca aquele que mais convoca as pulsões, visto estar fortemente relacionada à amamentação. Considerando as possibilidades de afeto a que os sujeitos podem deparar-se, o seio da mãe talvez seja um último vínculo com um tempo-espaço no qual o sujeito sentia-se amparado.

Isso impõe pensar a tatuagem da boca, símbolo de uma banda de *rock*, de um ponto de vista que privilegia o desejo: marcar a pele, nessa leitura, tem relação com o desejo do olhar do outro, afinal, ninguém faz uma tatuagem para si. Mas não é só isso: ela é a assinatura do grupo no corpo do sujeito, indicando a necessidade de pertencimento em uma formação social que exige que o indivíduo seja, ao mesmo tempo, igual a todos os outros e absolutamente diferente de todos os outros, único. É um dilema próprio à nossa sociedade capitalista ocidental, na qual o sujeito se vê às voltas com a necessidade de constituir sua singularidade, e ao mesmo tempo sentir-se integrado ao corpo social. Nesse sentido, a tatuagem supostamente resolve esse dilema, acentuando radicalmente as igualdades entre os elementos do grupo e marcando sua absoluta diferença com relação ao restante da sociedade.

Assim, é possível dizer que a tatuagem esteja associada, em sua configuração contemporânea, a um ato de transgressão. Principalmente porque indica a recusa do sujeito em relação às figuras identitárias tradicionais. Mas também por seu aspecto sedutor, pelo jogo erótico que ela estabelece para o corpo tatuado, através do investimento estético. Nesse sentido, o corpo que se tatua produz-se como corpo supostamente livre de interdições, fundando para si uma satisfação paradoxal em ser visto como um enigma a ser decifrado. Corpo

erótico. Corpo simbólico. Esse é o efeito capturante do olhar, produzindo o gozo que, nessa nossa leitura, não se reduz ao prazer, e constitui seu efeito sedutor. Há, pois, um gozo envolvido na tatuagem, que começa com a dor que ela implica, mas que tem relação, principalmente, com a fabricação de um corpo sexuado, erotizado pelas inscrições corporais que o animam, evidenciando o jogo do desejo que se trava em torno do gozo de escamoteação da falta.

A partir de Lacan (1998), compreendemos a impossibilidade de um gozar plenamente, já que o sujeito se constitui na falta, na incompletude. Dada a perda da coisa em si, ou para dizer de outra forma, da impossibilidade de acesso direto ao corpo que fez gozo, resta ao sujeito sua simbolização, o acesso ao gozo pelo simbólico. Nesse sentido, a tatuagem viria a atestar o impossível do gozo e do corpo, marcando a condição de incompletude dos sujeitos.

NOTAS FINAIS: CORPO E RESISTÊNCIA

Foi pensando a contradição a partir das teorizações de Althusser (1985) que Pêcheux (2009) introduz a noção de processo discursivo, como processo inscrito em uma relação ideológica de classes, permitindo compreender que todo processo discursivo abriga a divisão. Ao explicitar as teses materialistas que servem de premissa à sua teoria do discurso, Pêcheux (2009) diz que as formas ideológicas se cumprem de maneira desigual: em um mesmo momento histórico dado, as formas ideológicas não se equivalem, produzindo um efeito simulação-recalque não homogêneo. Em outras palavras: essa desigualdade se refere às formas pelas quais a “relação imaginária dos indivíduos em suas condições reais de existência” não são homogêneas, uma vez que “tais condições de existência são distribuídas pelas relações de produção econômica, com os diferentes tipos de contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações” (PÊCHEUX, 2009).

Assim, consideramos que as tatuagens e inscrições corporais são os indícios da divisão e da presença de fronteiras móveis e invisíveis que dividem o corpo do sujeito. Em “*Delimitações, inversões, deslocamentos*”, Pêcheux (1990) nos dá margem para pensar que o corpo, compreendido como objeto ideológico, é contraditório em si mesmo e marcado pela divisão. Sob a

aparência da unidade, esses objetos ideológicos são, para Pêcheux, divididos e profundamente contraditórios, mostrando-se em processos que se desenvolvem entre a univocidade e o equívoco, processos que, sendo coextensivos, permitem pensar a prática de resistência no interior mesmo da ideologia dominante. Colocar suas “palavras malditas” em relação com nosso objeto de estudo, o corpodiscurso, faz ver a opacidade que recobre a corporalidade dos sujeitos em suas práticas, mostrando que a transparência não passa de efeito de sentido.

Neste trabalho, procurei mostrar que o caráter ambíguo da tatuagem, em sua configuração contemporânea, dá a vê-la tanto como uma prática da “moda” quanto como um ato de transgressão. Se por um lado, ela responde ao universalismo do corpo submetido ao investimento da ideologia, da fabricação de um corpo único e absolutamente desejável, por outro ela está relacionada à necessidade de lidar com o real do corpo, de produzir sentidos para si. Ao oferecer lugares de identificação outros, pelos sentidos que se movimentam, ecoam, fogem, as inscrições corporais podem ser lidas como uma prática de resistência, nos termos com os quais definimos resistência: é na falha, na possibilidade de eclosão de sentidos outros, que a resistência é considerada, “onde o sujeito pode irromper com seus outros sentidos e com eles ecoar na história” (ORLANDI, 2012, p.231).

Compreender a inscrição na pele como marca da diferença, de um corpo capaz de inscrever-se em uma formação discursiva outra e, nesse jogo de identificações possíveis, dar vazão ao desejo, é o mesmo que afirmar que a contemporaneidade dá lugar a diferentes formas históricas de assujeitamento, nas quais há uma profunda modificação nos contornos dos laços sociais, ou seja, alteram-se os modos com que o sujeito se ata ao outro. Pensar o corpo nesta ambiguidade fundamental é, assim, considerá-lo como lugar possível de práticas de resistência, pela inscrição em formações discursivas em constante tensão. Admitir a ambiguidade é o mesmo que afirmar que o processo de identificação falha. Afinal, não há identificação que não possa ser afetada por uma infelicidade, ensina Pêcheux (2009).

Consequentemente, não se pode pensar a resistência fora da ideologia, ou como afirmou Orlandi (2013), não há resistência “apesar da ideologia, mas através da consideração da ideologia e da identificação”. Trata-se, assim, de outra forma de pensar a noção de resistência, de um posicionamento que não assume a oposição, mas a complexidade dos objetos simbólicos, situando-a no movimento dos sentidos de sutura e cicatriz.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, LOUIS (1964) **Freud e Lacan. Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Trad. Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ªed. 1985.
- BALDINI, Lauro José Siqueira; SOUZA, Levi Leonel de. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012. p. 69-88.
- KAËS, René. La métaphore du corps dans les groupes: Les réciprocitys métaphoriques du corps et du groupe. In: HAROCHE, Claudine; GUGLIELMI, G. J.. **Esprit de corps, démocratie et espace public**. Paris: Puf, 2005. p. 91-117.
- LACAN, Jaques. **O seminário - livro 11**: quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. 3. ed. Campinas (São Paulo): Papyrus, 2008.
- ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada**. Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni P.. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania. **A escrita e os escritos**: reflexões em análise de discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 21-30.
- ORLANDI, Eni P.. Sentidos em fuga: Efeitos da polissemia e do silêncio. In: ORLANDI, Eni P.. **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: Rg, 2013. p. 1-15.
- ORLANDI. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 4ªed. - Campinas: Editora UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. 2. ed. Campinas (São Paulo): Pontes, 2007. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas (São Paulo), n. 19, p.7-24, jul. 1990.

SOUZA, Levi Leonel de. O corpo encarnado. **Entremeios**: Univás, Pouso Alegre, n. 1, p.1-10, jul. 2010.

SOBRE A AUTORA

Aline Fernandes de Azevedo é bacharel em Jornalismo (UNESP), mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP) e doutora em Linguística (IEL/UNICAMP). Pesquisa temas relacionados ao corpo, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Materialista de Discurso. Atualmente é pesquisadora colaboradora (bolsista PNPd/Capes) no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, e membro do Grupo de Pesquisas “Mulheres em Discurso”.